

Eduardo Sued – Por uma ordem dissonante

Ligia Canongia

Sabe-se que a fragmentação cubista foi mais do que um ato estético. Por trás do esfacelamento da figura, havia a crise ética das sociedades do pós-guerra. À destruição social e urbana, e aos conflitos no mundo do trabalho, seguiram-se movimentos artísticos que denunciavam a tecnologia, incluindo aí seu aparato bélico, como instrumento de desagregação da vida humana. Contudo, ao lado dos programas modernos de denúncia, - como o cubismo e o surrealismo, desencantados com os processos técnicos e progressistas, o construtivismo instituiu-se como um princípio ainda utópico que, a reboque das transformações mecânicas, e a elas aliado, acreditava na redenção do caos pela ordem. As colagens cubistas e os *assemblages* dadaístas, que culminam em Schwitters, seriam, assim, o reverso dos esforços de clareza dos construtivos e de seu ápice radical em Mondrian. Os movimentos modernos incorporavam, no âmago mesmo de suas respectivas causas, as próprias contradições que vigoravam na esfera pública.

Se voltamos aos modernos, não é tanto para criar uma genealogia histórica na obra de Eduardo Sued, mas para tentar uma aproximação com sua própria ética, interessada em discutir a ambivalência dos tempos atuais, que, em última instância, ainda pode ser reduzida ao conflito entre o racional e o irracional. Só que agora, ao invés de optar por um dos pólos dessa dicotomia, o objeto da arte pode estar na sua exata confluência. Somente assim podemos entender como, e apesar de toda a fragmentação da pintura do artista, destaca-se a presença de uma estrutura sólida, que a tudo alinhava e harmoniza. O sentido de harmonia, entretanto, está hoje distante dos ideais clássicos, podendo assumir a dissonância no interior da imagem, sem quebrar o que seria a sua pretensa 'integridade'. É através do jogo simultâneo entre o cindido e o solidário, que Sued constrói sua pintura, o que nos devolve, em eterno retorno, e podendo se expandir a outras práticas contemporâneas, ao viés cubista.

Eduardo Sued explora o sentido das contradições, cria arranjos cromáticos ambíguos, arremete a cor contra a linearidade passiva da superfície, instaurando campos dinâmicos que mobilizam a imagem em permanente atividade. O caráter móvel e irregular de suas áreas de cor, que estabelece em sua abstração uma ordem às avessas, acidentada e dissonante, não prescinde, no entanto, de uma grade estrutural coesa. Para além dos recortes, das sobreposições, das camadas materiais ou da turbulência das pinceladas mais recentes, existe a força do vetor cromático, que, mesmo maleável, conjuga o todo em reciprocidade.

Sued pensa e estrutura sua obra pela cor. Mesmo quando usa matérias orgânicas brutas, a cor natural é atuante. A partir da década de 90, e de forma mais acentuada na seguinte, o trabalho do artista vem tangendo o campo tridimensional, ganhando corpo físico e se projetando diretamente no real. O espírito da colagem, que antes se configurava por justaposição de recortes de cor na estrita superfície da tela, assume agora um embate mais frontal com o mundo, deslocando-se espacialmente. As novas colagens corpóreas, porém, ainda que enfrentando a consciência de seu estado intermediário como objetos, mantêm-se atreladas ao campo pictórico, dada a presença inalienável da ação cromática. Ainda aqui, e mesmo se reduzida a tonalidades baixas e obscuras, a cor é fundamento da imagem.

Em alguns de seus últimos trabalhos, com exemplares nesta exposição, Eduardo Sued pronunciou mais uma vez o aspecto protuberante de certas formas, mas com nova articulação. Quase-objetos, ou relevos indecisos, essas pinturas praticadas sobre suportes de madeira, a maioria de superfície lisa, mas acidentadas por recortes e reentrâncias, constituem, na verdade,

um desdobramento de sua própria visão espacial, realizada antes apenas no plano. Tornando quase 'didático' os procedimentos de seu olhar – a construção do espaço por recortes de cor – Sued nos oferece aqui a compreensão total da pintura como uma virtualidade, apta a se transformar num corpo tangível, fora do plano. É como se pegássemos uma de suas pinturas superficiais e, se fossem de papelão, pudéssemos dobrá-las exatamente nas linhas de interseção de cor, montando um objeto. Sued 'dobra' a cor; dependendo de sua intensidade, sua luz e sua ação construtiva, ela pode retroceder, avançar, esquivar-se, esconder-se atrás ou dentro de outra cor, em um jogo de profundidades e lateralidades lúdicas.

A obra de Eduardo Sued, contudo, não é dissonante apenas nos casos em que foge ao espaço tradicional da pintura, que se exigia na estrita planaridade da tela. Suas cores, ainda quando chapadas no plano, produzem uma orquestração ótica desestabilizadora, que escapa à ordem e ao equilíbrio das composições convencionais. Sem o desejo 'compositivo' da abstração européia, que fazia constante balanceamento de forças entre pesos e contrapesos na superfície, Sued não teme dissociar os acordes cromáticos e com eles provocar distúrbios formais. Sua visibilidade não admite simetrias, forças centrífugas ou balizas que equacionem o espaço em uma ordem estática, ao contrário, o artista acompanha o fluxo pulverizado da vida e do homem contemporâneos, que pulsam, mais do que repousam.